
O espírito dos lugares nos estudos guturais: as territorialidades da cena metal de BH¹

Paulo Henrique Caetano²

Universidade Federal de São João del-Rei e CEFET-MG

Resumo

Este artigo delinea uma “cartografia gutural” em desenvolvimento, da gênese da cena metal de BH na década de 1980, com foco nas territorialidades de sua consolidação. Dentre os lugares percorridos em nossas pesquisas, estão praças, bares, casas de shows e lojas, referências espaciais para os corpos do metal, que clamam por diferentes leituras contextualizadas com a pulsação da cidade. Como referencial, propomos um panorama dos Estudos do Metal, ou “estudos guturais”, com um levantamento de publicações sobre metal, comunicação e territorialidades. A metodologia traz uma cartografia inicial de 2 lugares: a Cogumelo e o DCE da Federal, com uma descrição e análise de práticas sociais e culturais e uma avaliação da representação midiática desses lugares e dessa cena, buscando acessar o seu ‘espírito’, o *genius loci*.

Palavras-chave

cartografia ‘gutural’; “estudos guturais”; cena metal de BH; música e territorialidade; espírito do lugar.

Introdução

Um termo concreto para ambiente é lugar. É comum dizer que atos e ocorrências ‘tomam lugar’. De fato, não faz sentido imaginar qualquer acontecimento sem referência a uma localidade. Lugar é evidentemente uma parte integral da existência. (NORBERG-SCHULZ, 1980, p. 6, minha tradução)

Parto da epígrafe para estabelecer a ideia deste breve artigo, que é elaborar sobre o caráter marcante de alguns lugares específicos de Belo Horizonte, nos quais a cena da música heavy metal foi se constituindo na segunda metade da década de 1980. A ideia é acessar o ‘espírito’, a identidade, ou o *genius loci*, dos espaços onde a realidade da vida se concretiza, ou se concretizou, no caso da memória do metal de BH. Ainda que seja um conceito a princípio relacionado com o olhar da arquitetura, da arquiteturaologia, e do patrimônio, o *genius loci* desvela possibilidades para uma relação profunda com a constituição identitária dos sujeitos, com os afetos e as histórias individuais e coletivas que evocam os locais onde o metal começou a acontecer, e que respondem a uma necessidade vital humana de dar significado para a existência em um certo tempo e lugar. Afinal, “somente quando entendemos o nosso

1 Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Professor Associado do Departamento de Comunicação Social da UFSJ, leciona no Curso de Comunicação Social-Jornalismo e no Mestrado Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS). Realiza Estágio Pós-Doutoral no Departamento de Ciência e Tecnologia Ambiental do CEFET-MG (de fevereiro de 2024 a janeiro de 2025), em Belo Horizonte, com projeto intitulado “Práticas culturais e territoriais do heavy metal: seria o metal mineiro decolonial?”, sob supervisão do Professor Carlos Wagner Gonçalves Andrade Coelho.

lugar é que somos capazes de participar criativamente e contribuir para a sua história” (NORBERG-SCHULZ, 1980, p. 166).

Tão logo comecei a levar em consideração essa ideia de espírito do lugar relacionada à cena metal de BH, retomei uma lista dos lugares que havia elaborado há alguns anos e que apresentei na Mostra Metal em Minas, na mesa “Memória, permanência e inovação: a cena metal 35 anos depois” (CAETANO, 2017). Naquele momento, privilegiado por reunir diferentes ‘gerações’ do metal de BH, a lista representou para alguns(mas) a ativação de memórias das experiências vividas, e para outros(as) um espaço de curiosidade, de imaginação, e mesmo de pesquisa, pois muitas histórias ouvidas nos círculos do metal já traziam, e trazem, as vivências em vários desses lugares nomeados.

Nesse sentido, o foco neste trabalho é sobre a década de 1980, quando as experiências pessoais deste autor, músico e vivente da cena confluíram com as de centenas de jovens que começavam a se agrupar em pontos da cidade para ouvir heavy metal, conversar sobre as bandas, formar bandas, produzir eventos, construir projetos e relações. Era a cena metal de BH acontecendo, sendo constituída e socialmente reconhecida, quaisquer que fossem os significados a ela atribuída. E esta cartografia aqui proposta, à qual estou nomeando ‘cartografia gutural’, tem o intento de contribuir para uma crescente qualificação de um inventário desses lugares de memória da cena metal de BH, sendo parte de uma cartografia mais ampla constituída em nosso Grupo Transdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Práticas Culturais do Heavy Metal³, que tem abordado diferentes aspectos da cena mineira e belo-horizontina. Os 2 lugares selecionados neste artigo para uma análise inicial mais detalhada, a Cogumelo e o DCE da Federal, são representativos de diferentes formas de sociabilidades e de atividades que ocorreram, ou ‘tomaram lugar’ nessa gênese da cena. E como perguntas para iniciar o debate, proponho: 1) O que um lugar teria que apresentar para ter reconhecido o seu espírito? 2) Como é possível acessar e preservar o espírito desses lugares? 3) Qual é a relevância dessa discussão para a cena metal de BH? Somadas a essas perguntas, iremos acionar as 7 características para o reconhecimento do *genius loci*, propostas por Markevičienė (2012), que serão apresentadas adiante.

O artigo está organizado em quatro seções: “Estudos Guturais”, buscando apresentar um panorama dos estudos sobre o metal e sobre cena musical que conciliam abordagens sobre territorialidades no campo das ciências sociais, humanas, linguagens e comunicação, além de uma revisão conceitual de *genius loci*; a segunda seção, “Metodologia”, é dedicada a descrever o percurso metodológico da pesquisa, além de apresentar os 2 lugares selecionados para esta ‘narrativa’ sobre as

3 Grupo certificado pelo CNPq desde 2022, com a linha de pesquisa “Cartografias culturais e práticas sociais nos territórios do metal”.

territorialidades do metal de BH; a terceira seção, “O espírito dos lugares da cena metal de BH”, é dedicada à descrição e análise dos dois lugares sob investigação; por último, temos a “Conclusão”.

Estudos Guturais

Atualmente, há sobre o metal uma produção proeminente e vasta, e nesta seção irei percorrer alguns trabalhos para ilustrar essa fortuna crítica, principalmente quanto a espacialidades, buscando interfaces entre estudos do metal no Brasil, nos campos da Comunicação e de áreas das Ciências Sociais e Humanas. Na Comunicação, importantes contribuições têm debatido territorialidades nos contextos do metal e de outros movimentos culturais e musicais. Janotti Júnior, um dos autores mais referenciados nas pesquisas sobre o heavy metal, tratou de territórios e da questão da cena *headbanger*, em diferentes trabalhos e perspectivas (cf. 1994; 2004; 2013; 2018), a partir da análise de práticas comunicativas e sociabilidades do metal. Quanto à questão da dinâmica da cidade, o autor nos inspira na busca pelo espírito dos lugares, ao abordar o metal e a “reiteração de suas fronteiras sonoras” de “lugares míticos, desterritorializados, mas inseridos nas tessituras urbanas, configurados a partir de fragmentos da cultura contemporânea” (2004, p. 124).

A coletânea *Cidades Musicais: comunicação, territorialidade e política* (2018), organizada por Fernandes e Herschmann, também traz contribuições auspiciosas nesse sentido, inclusive do próprio Janotti Júnior. Na Parte 1 da obra, por exemplo, sob a temática “Territorialidades musicais urbanas no país”, o terceiro eixo, intitulado “Cartografando cenas e circuitos das urbes”, fornece um relevante instrumental teórico, crítico e metodológico para pensarmos a nossa cartografia do metal aqui proposta. Especificamente sobre a urbe, Janotti Júnior e Pires (2018) problematizam a ideia de cidades musicais que não levam em consideração as tensões e disputas de poder que garantem acesso aos espaços e aos recursos culturais, bem como os processos de exclusão. Entretanto, o espaço público não é pensado como um mero cenário para as ações, mas em relação dialética com as próprias dinâmicas culturais que o caracterizam. Ou seja, o espaço urbano afeta e é afetado, dentre outras, pelas práticas musicais.

O trabalho de Janotti Junior e Pires (2018) também se dedica à discussão de territorialidades vinculadas a certos gêneros musicais, sendo que alguns bairros ou regiões inteiras passam a ser identificadas com determinadas práticas musicais e artísticas. Esse aspecto é bastante ilustrativo para a discussão da cena metal de BH, ainda que tenha havido um espraiamento das atividades relativas a essa cena a partir da década de 2000. Em linhas gerais, o artigo reforça a necessidade de considerar a discussão de cidades musicais de maneira multidisciplinar, compreendendo a imbricação entre a produção musical, o espaço, e as relações de poder peculiares da dinâmica social, sob pena do esvaziamento do referido conceito.

Janotti Júnior e Sá (2019) apresentam um roteiro em termos de pesquisas em Comunicação no Brasil, e exploram uma diversidade de aspectos do debate sobre gêneros sob a luz das viradas tecnológicas do mundo em rede. E essa discussão tem centralidade nos Estudos Gênerais, pois esse ‘território’ de estudos se estabelece, de certa maneira, alicerçado pelo conceito de gênero musical, ainda que o próprio metal seja um exemplo para a fluidez e inconsistência de muitas das classificações genéricas (cf. TSATSISHVILI, 2011). E se as viradas tecnológicas forem também sopesadas, considerando que parte significativa das sociabilidades da cena metal de BH foram migrando para o ambiente virtual a partir dos anos 2000 (CALAÇA, 2021), a discussão de gênero ganha ainda mais complexidade e imbricação. Mesmo assim, é no espaço de distinção entre o que é metal e o que não é metal que o gênero mais amplo do qual tratamos se estabelece, quase inconfundível, inclusive territorialmente, nas cidades.

Esse aspecto também é coberto por Janotti Júnior e Sá, que revisam trabalhos desenvolvidos no Brasil dedicados aos estudos do gênero musical em sua confluência com territorialidades, “entendendo que som e música mediam amplas relações sócio-espaciais” (2019, p. 132). O artigo faz aproximação com o conceito de “cenas musicais” e amplia as possibilidades para a compreensão dos gêneros e as organizações reticulares que os constituem, questões que são o cerne de nossa cartografia da cena metal de BH:

Explorando esta dimensão espacial, entendemos que a noção de cena musical se torna útil para o pesquisador cartografar as sociabilidades que emergem em diferentes regiões de uma cidade, ao mesmo tempo que apontam para a organização das comunidades de gosto através dos espaços metropolitanos. Outro aspecto a ser ressaltado é que a noção de cena musical também permite a apreensão da dimensão política da ocupação dos espaços por grupos e coletivos, criando circuitos concretos marcados pelos rastros dos agrupamentos em movimento, enfatizando a efervescência das cidades enquanto espaços sociais vívidos e produtivos. (JANOTTI JUNIOR e SÁ, 2019, p. 132)

Essa passagem é muito ilustrativa da nossa percepção do contexto do metal belo-horizontino em sua gênese, em que as territorialidades que se tornaram marcas da cena foram sendo forjadas de maneira gradativa a partir das rotas e dos circuitos dentro da cidade, sucedendo uma rede que era, em um primeiro momento, mais dispersa em núcleos locais, de escolas ou de bairros. Os próprios lugares cujos ‘espíritos’ queremos acessar, foram se constituindo como pontos de aglutinação das dispersões das micro-cenas locais ao longo desses circuitos emergentes.

Esses processos de territorialização, desterritorialização, reterritorialização ou de multiterritorialidades de uma cena são constituídos por várias forças, dentre as quais, a capacidade de

mobilidade e de uso da cidade. Após uma mudança estrutural no sistema de transporte da Capital (ver SILVA, 1998; CAETANO, 2017; e NASCIMENTO *et al*, 2021), que passou a interligar diferentes bairros passando pelo Centro, além do próprio crescimento acelerado da cidade e a proliferação de tecnologias de comunicação e informação, os locais de encontro e sociabilidade do metal de BH foram se tornando mais centrais, sem, necessariamente, prejudicar micro-cenas dos bairros. Calaça, Nascimento e Diniz (2018) trazem subsídios da Geografia Cultural e da Antropologia Urbana no artigo “Na trilha do metal: a construção de territorialidades das bandas de heavy metal em Belo Horizonte nos anos 1980” para dimensionar o aspecto territorial da fase inicial da cena metal de BH. O referencial se assenta em conceitos fulcrais como território e territorialidade, lugar, pedaço, mancha, trajeto e circuito. A partir de entrevistas com viventes da cena e de uma relevante literatura, o trabalho explora o contexto político e social conservador de surgimento do metal, também debatido em Avelar (2003 e 2004), assim como as maneiras como a cena foi se estabelecendo, em um processo que se iniciou com o consumo de bens culturais produzidos alhures, depois com o surgimento de bandas locais e de toda uma rede de atividades, com qualidade e identidade própria. Outro aspecto bem abordado é a questão conflituosa da ocupação de diferentes espaços na cidade pelas pessoas envolvidas com o metal, uma vez que a cena já era marginalizada e carregava diversos estigmas não condizentes com a estrutura social vigente (CALAÇA, NASCIMENTO e DINIZ, 2018).

Calaça *et al* (2024) consagram a importância da cena, cujos lugares de memória se transformam em roteiros turísticos para *headbangers* em visita à Capital mineira. O trabalho desenvolveu um mapa de interesse para a documentação do metal de BH, fazendo reconhecer o valor da música criada naqueles anos de consolidação. Algumas questões colocadas pelos(as) autores(as) dão dicas no sentido de uma descrição que parece também ansiar por revelar o caráter, ou o *genius loci* de cada lugar, como as indagações acerca da sua relevância ao longo do tempo, das atividades realizadas no passado e atualmente, bem como da sua importância para a cena. Outra questão é se o lugar teve impacto na coletividade ou apenas em partes específicas da comunidade *underground*. Esses questionamentos dialogam, de certa maneira, com os princípios da Declaração de Quèbec sobre a Preservação do Espírito do Lugar (ICOMOS, 2008) e com alguns dos critérios elaborados por Markevičienė (2012), discussão que será retomada adiante.

Calaça (2023) apresenta um inventário de cartazes de shows, identificando as representações de territórios que constituíram a cena metal de BH nesse material de divulgação nos anos 1980 e 1990. A pesquisa apresenta um webGIS (‘GIS’ se refere a *Geographic Information System*), um recurso online

de representação das informações geográficas e culturais coletadas. Outra faceta do artigo é a análise visual que oferece dos materiais de divulgação encontrados, produzindo um cotejamento entre diferentes eixos de significação e taxonomia. O trabalho demonstra a imbricação dos sistemas de design visual com a própria apropriação musical do território, o que, dentre outros elementos, constitui uma cena musical.

Quanto ao espírito dos lugares, pensando nos encontros dos corpos do metal na cidade, recorremos a Norberg-Schulz (1980, p.5), para quem “um lugar é um espaço que tem um caráter distinto. Desde tempos imemoriais, o *genius loci*, ou ‘espírito do lugar’, tem sido reconhecido como a realidade concreta que as pessoas devem enfrentar diariamente”. Essa questão tem também sua faceta institucional, com a Declaração de Quèbec sobre a Preservação do Espírito do Lugar (2008), que preconiza que para preservar o espírito de um lugar, há que se pensar nos elementos físicos e materiais, bem como nas práticas culturais e nas redes e relações que o singularizam. O documento reconhece que é necessário um envolvimento das comunidades implicadas na preservação do espírito de um lugar, indicando abordagens holísticas e foco na educação e sensibilização acerca da relevância dos lugares. É também importante a preocupação com as consequências da globalização e das viradas tecnológicas sobre o espírito dos lugares, uma vez que na contemporaneidade prepondera a tendência de homogeneização dos espaços das cidades, com processos acelerados e acríticos de gentrificação.

Markevičienė (2012) explora a complexidade conceitual e as dificuldades em se preservar ou recriar o espírito do lugar em processos de revitalização urbana. A autora, que também recorre ao trabalho de Norberg-Schulz (1980) e à Declaração de Quèbec (2008), faz um levantamento profícuo sobre o uso do conceito de lugar em diferentes áreas do conhecimento e campos de pesquisa. Markevičienė (2012) analisa uma gama de exemplos em diferentes contextos quanto à sua capacidade de preservação do espírito dos lugares, postulando que uma recriação bem sucedida depende do equilíbrio delicado entre o respeito em relação à história e a abertura para as inovações. A autora prevê no artigo uma lista de sete características desejáveis para substanciar o reconhecimento do espírito de um lugar, buscando contribuir com a formulação de projetos de preservação. E em nossa análise dos dois lugares de importância para o nascimento da cena metal de BH, iremos recorrer a essas características apresentadas por Markevičienė (2012) como categorias analíticas, que serão especificadas adiante e que irão nos auxiliar no acesso aos fenômenos e relações implicadas nesses lugares.

Metodologia

Para a realização desta nossa cartografia ‘gutural’, adotamos um grupo de procedimentos de natureza qualitativa e transdisciplinar. A primeira ação do trabalho foi a seleção de um recorte de apenas 2 lugares representativos para a construção da cena de BH (em uma lista de quase 150 lugares) quais sejam, a Cogumelo discos e o DCE da UFMG. Esses lugares não são evidentes ou exclusivos em termos de seu espírito no que concerne à gênese do metal em BH. Pelo contrário, hoje pode-se dizer que são bastante opacos e nada revelam do sentido que aparentemente perseguimos aqui. Entretanto, as histórias e as memórias a eles vinculadas atribuem valor para toda a produção musical e artística de uma época, ao evidenciarem o aspecto coletivo e rizomático da cena, revelando a constitutividade entre territorialidade e cultura.

Esta pesquisa tem caráter cartográfico afetivo, e para acessar o espírito dos lugares da cena metal de BH, conjugo experiências pessoais e memorialísticas próprias com fontes primárias, como entrevistas, relatos, documentários, documentos, publicações sobre o gênero, cartazes, fanzines e análogos. Recorro também a fontes secundárias, como artigos e livros que já têm essa discussão mais sedimentada. Três perguntas de pesquisa serão usadas para fomentar a discussão: 1) O que um lugar tem que apresentar para ter reconhecido o seu espírito? 2) Como é possível acessar e preservar o espírito desses lugares? 3) Qual é a relevância dessa discussão para a cena metal de BH? Como procedimento de pesquisa, pensando nessas perguntas, será feita uma descrição desses lugares, bem como das práticas, histórias e algumas vivências dos sujeitos do metal, a partir de inúmeros depoimentos já registrados, conjugada com uma análise de representações midiáticas sobre atividades que ocorreram nesses espaços desde a segunda metade da década de 1980.

Relacionado a esses lugares, para cada um deles será feito um pequeno inventário, verificando a aplicabilidade das 7 características sugeridas por Markevičienė (2012, p.77-8 *passim*), que faz um compilado conceitual de diferentes autores, e para quem o lugar espírito do lugar deveria (itálicos da autora): 1) ser *ambos uma realidade e uma entidade*; 2) apresentar *um toque de eternidade*; 3) ter *integridade*; 4) ter complementaridade; 5) ter continuidade; 6) não ser evidente; 7) ter ‘rizomatidade’. A autora entende que a “identificação com um conjunto dessas qualidades deveria ser central para o planejamento de qualquer atividade relacionada a preservação”, buscando “favorecer interpretações relevantes e maior cuidado em relação a espaços de memória desse tipo” (MARKEVIČIENĖ, 2012, p. 78). Por fim,

Lanari *et al* (2020), no artigo “Cartografia Cultural da região da Lagoinha, Belo Horizonte/MG: um processo participativo de mapeamento de referências culturais”, provê um modelo de organização de informações e memórias ao qual iremos recorrer para os lugares identificados da cena metal.

O Espírito dos Lugares da Cena Metal de BH

Antes de prosseguir com a leitura, sugiro que os/as leitores/as assistam o lyric vídeo da música “Insane” (2021)⁴, da banda veterana Insulter, de BH, capitaneada pelo guitarrista e vocalista Reinaldo Resan, o ‘Reinaldinho’, sintetiza a ideia e cobre uma parte considerável da nossa pretendida cartografia mais ampla. Todos os lugares destacados no vídeo são parte indelével da minha experiência e da minha vinculação à cena metal de BH, com inúmeros momentos ao lado do próprio Resan, que nos oferece esse trabalho de enorme valor para a memória do metal. Esta é a descrição do vídeo na página do Youtube:

Este lyric video faz uma tour pelos pontos principais da cena metálica de Belo Horizonte, tendo como partida o Mineirão (Kiss 1983) e passando pelo Mineirinho (Venom/Exciter 1986), antiga loja da Cogumelo Records, DCE da Federal (local de shows históricos), ICBEU (point de vídeos nos sábados à tarde), o saudoso Pizza Light, DCE da Católica "Crepúsculo dos Deuses" e Ginástico (outros dois locais de shows memoráveis) e por fim a Serra do Cural. Local de peregrinações noturnas dos headbangers e infelizmente, lugar onde o saudoso Denis Fernandes, ex baixista do Insulter, partiu desse mundo. (Resan, 2021)

Os dois lugares que selecionei para esta etapa da pesquisa estão cobertos pela *tour* oferecida pelo vídeo, a Cogumelo (no minuto 1:58), e o DCE (no minuto 2:17), com imagens que irão ilustrar nossa discussão. A escolha teve o propósito de representar diferentes aspectos das atividades da vivência na cena, sendo a Cogumelo, a princípio, uma loja e ponto de encontro, local onde muitas negociações relacionadas a todo o ‘mercado’ do metal aconteciam. E era lá também que os planos para os ensaios eram feitos, bem como os combinados para os encontros à noite. O DCE da UFMG ganhou destaque por ter sido um auditório privilegiado para shows de grande importância, sendo um deles o Metal BH II, dado o seu papel de evento consolidador da cena belo-horizontina, mesmo não tendo contado com a participação do Overdose.

4 Insulter - Insane (Official Lyric Video): <https://www.youtube.com/watch?v=zuNpxjpP0mg>

- Cogumelo Discos

A matéria do jornal O Tempo⁵, intitulada “A capital do metal, 30 anos depois”, de 29 de outubro de 2017, foi motivada pelos 30 anos de lançamento do álbum *Schizophrenia* (Cogumelo, 1987), terceiro disco da banda Sepultura, um marco no processo de internacionalização do metal mineiro. O subtítulo da reportagem demonstra uma mudança no cenário ao longo das décadas, porém evidenciando o reconhecimento e a permanência de um legado: “sem desfrutar da projeção de outrora, BH guarda o legado da explosão do gênero no final dos anos 80”. A reportagem traz informações sobre o *Schizophrenia* propriamente dito, mas também trata de bandas dos anos 80 que ainda estavam na ativa na ocasião, e apresenta um balanço de eventos e novidades musicais da cena à época. Um dos entrevistados é João Eduardo, companheiro da Pat, ambos proprietários da Cogumelo. Ele compara a cena dos anos 80 com a de 2017, atribuindo a força do metal de BH em sua origem à capacidade de comunicação e ao bom relacionamento entre as bandas, o que favoreceu o surgimento de uma das cenas mais bem estruturadas do país, na qual a Cogumelo investiu de diferentes maneiras, sendo o *Schizophrenia* um dos resultados desse processo. No mesmo ano houve também os marcantes lançamentos do *INRI*, do Sarcófago; do *Campo de Extermínio*, do Holocausto; do *Abominable Anno Domini*, do Chakal; e do *Immortal Force*, do Mutilator.

Essa matéria dá a dimensão da Cogumelo enquanto força catalisadora do metal de BH, pois trata da comemoração de um álbum que marca toda uma geração de bandas que tornaram a cena mineira notável no Brasil e no mundo. E a loja evoluiu para produtora de eventos e gravadora na medida em que foi se tornando referência da cena, sendo que diariamente, principalmente no final da tarde e início da noite, nas imediações da Av. Augusto de Lima, entre Rua da Bahia e Rua Rio de Janeiro, um grande número de pessoas vinculadas ao metal se encontravam, e desses encontros, em ambiente tão propício, importantes projetos iam sendo desenvolvidos.

Passando agora para as sete características divisadas por Markevičienė (2012, p.77-8 *passim*), quanto à característica 1, “ser ambos uma realidade e uma entidade”, a Cogumelo atende com profundidade, pois prevalece até os dias atuais como realidade de uma loja, uma gravadora, e um local de encontros, ainda que reterritorializada, elemento que escapa um pouco do sentido mais estrito da materialidade implicada no *genius loci*. Isso porque a Cogumelo hoje funciona na Galeria do Mix-Shopping na mesma Av. Augusto de Lima da loja clássica, porém a 150 metros de distância daquela, após ter passado alguns anos na Galeria Praça 7, a nossa Galeria do Rock. E mesmo nessa condição, de a realidade perder a sua territorialidade original, as redes construídas em torno daquele antigo lugar forjaram uma sociabilidade em torno da loja que foi sendo transposta a cada movimento determinado

5 <https://www.otempo.com.br/entretenimento/magazine/a-capital-do-metal-30-anos-depois-ouca-a-nossa-playlist-1.1536576>

pela questão empresarial, numa espécie de ‘fidelização’ transgeracional, em um movimento rizomático que se conecta com a característica 7 adiante. Há também uma vasta documentação fotográfica, visual e memorialística sobre a Cogumelo, deixando evidente a sua condição de entidade, tanto no nível formal quanto no nível afetivo. E ao tocar na afetividade combinada com uma considerável produção material e discográfica (Cf. Catálogo Cogumelo 40 Anos, 2023), também o critério 2, de “apresentar um ‘toque de eternidade’” fica fortemente contemplado.

A questão da integridade, característica 3, que implica em conter todos os elementos necessários para a percepção do espírito do lugar, esse aspecto não é atendido em sua totalidade, uma vez que, deslocada do lugar que consagrou a Cogumelo discos e gravadora, há uma grande perda, compensada apenas pela riqueza memorialística e documental. Quanto ao critério 4, “complementaridade”, este é amplamente atendido, pois refere-se à integração do lugar com toda uma rede de relações com outros lugares e diversas atividades relacionadas à cena. E a Cogumelo, em qualquer endereço que estiver, está em plena complementaridade com seus clientes, com as bandas, com a mídia especializada, com prestadores de serviço, com espaços de eventos, com outras lojas e com outros selos, mantendo o seu papel estruturante no metal, contando hoje com mais de 150 lançamentos musicais em seu catálogo (Catálogo Cogumelo 40 anos, 2023). Da mesma forma, ainda que por momentos as atividades tenham tido diferentes graus de intensidade e envergadura ao longo de 40 anos, o critério 5, da “continuidade”, é atendido satisfatoriamente, pois não houve interrupção em quaisquer das atividades da Cogumelo, pelo contrário, ao longo dos anos, houve uma acúmulo maior de capacidades e áreas de atuação.

O critério 6, de “não ser evidente”, também é atendido, se for pensada a Cogumelo clássica, pois não há indício aparente naquele lugar quanto à sua importância na forja da cena metal de BH. Nem na loja atual, que apesar de manter as atividades e ainda contar com a presença de pessoas vinculadas à cena atual, não demonstra evidências de congregação, e não congrega, a movimentação das complexas redes de atividades, relações e afetos envolvidos naquele(s) lugar(es) da memória. Por último, a característica 7, da “rizomatividade”, é atendida a contento. Essa característica é idealizada pela autora com base no conceito de rizoma de Deleuze e Guattari, e é possível ver a Cogumelo, em qualquer momento desses 40 anos, como um “‘nó’ de um rizoma sociocultural maior” (MARKEVIČIENĖ, 2012, p.78). Isso porque ela povoa as narrativas documentais e memorialísticas de maneira reticular e profunda, e tem se movimentado ao longo do tempo e do espaço, da mesma forma que muitas das atividades da cena que permaneceram, mesmo que com diferentes protagonistas.

Um dos espaços mais lembrados em depoimentos de viventes da cena metal de BH em sua origem é o DCE da UFMG⁶. O espaço foi palco, literalmente, de diversos shows decisivos para o surgimento e o crescimento da cena de BH entre 1985 e meados de 1990, sendo o principal deles o Metal BH II, no dia 12 de outubro de 1985, com as bandas Armagedon, Sagrado Inferno, Sarcófago, Sepultura (todas essas de BH), e a banda convidada de São Paulo, Minotauro. Durante os anos de 1985 e 1990, a agenda de shows e festivais de metal no DCE foi intensa, assim como foi intensa a movimentação de pessoas da cena no entorno do espaço à noite, o que começou a ocorrer mesmo fora da agenda de eventos, pois tinha uma localização privilegiada, e oferecia um hall de entrada de mármore, onde era possível se assentar, ainda que fosse apenas para encontrar a turma antes partir para algum outro lugar. E mesmo com toda essa importância, o DCE foi muito pouco pautado pelo jornalismo cultural, aparecendo apenas tangencialmente na agenda cultural dos veículos, sendo que não há qualquer publicação em jornais de grande circulação da época (entre 1985 e 1990), nem mesmo posteriormente, que tematize essa centralidade do lugar para a cena metal de BH. Há muitas matérias a partir de 1992, com a criação do Belas Artes, mas sem relação com o DCE.

Considerando as sete características de Markevičienė (2012, p.77-8 *passim*), quanto à característica 1 “ser ambos uma realidade e uma entidade”, o DCE preenche, ainda que o espaço não esteja mais vinculado à entidade estudantil, pois foi vendido em 1992 para um grupo empresarial, que transformou-o no Cine Belas Artes. Desde então, tem passado por diferentes grupos até tornar-se, a partir de 2021, o Una Belas Artes, tendo sido adquirido pelo Centro Universitário Una. Após a primeira fase de gentrificação, em 1992, o espaço nunca mais voltou a abrigar eventos de metal, e deixou de ser referência para a cena. Também deixou de ser DCE, ainda que a nossa memória afetiva vá sempre tratá-lo como tal. Por isso, é impossível negar a sua realidade, mesmo que apenas memorialística e documental, bem como o seu caráter de entidade.

Quanto ao quesito 2, de “apresentar um toque de eternidade”, não parece ser o caso, pois mesmo tendo reconhecida a sua importância, e estar documentado em imagens e depoimentos específicos, o espaço sempre teve outras ‘vidas’, e a passagem do metal, ainda que tenha sido muito importante para a cena e para este pesquisador em particular, não teve nenhum impacto mais permanente no lugar. Sobre “integridade”, característica 3, parece não se aplicar também, pois os elementos que faziam daquele um espaço da cena, os eventos de metal e as redes de sociabilidade, já não são mais recuperáveis, pois deixaram de existir já em 1992. Semelhante à integridade, a “complementaridade”, característica 4, não se aplica, pois o lugar não é parte de qualquer rede da cena

⁶ Vide os documentários *Ruído das Minas* (2008), *Somos feitos de pessoas* (2018), ou as dezenas de entrevistas do canal MG Warriors (<https://www.youtube.com/@MGMETALWARRIORS/videos>). Calaça (2023), em sua arqueologia dos cartazes da cena metal de BH confirma a grande relevância desse espaço.

metal, não abriga eventos dessa natureza e não está interligado a outros espaços de sociabilidade ou circuitos da cena (como já esteve nos anos 80), tais como era com o ICBEU, a Praça da Liberdade, ou o Onhas do Jequi, por exemplo.

Quanto à “continuidade”, critério 5, o espaço não foi demolido ou transformado em sua estrutura, pois tem a fachada e o volume tombados. Porém, com a reorganização interna e mudança na programação cultural, passou a abrigar outras atividades, e sua continuidade não tem vínculo com a cena metal. Sobre “não ser evidente”, característica 6, não é atendida. Em geral, o lugar é de grande importância para a comunidade local, mas não apresenta “‘nada de especial’ para outras pessoas ao mesmo tempo”. Nesse caso, o contrário está mais próximo da verdade, pois o espaço é muito evidente, inclusive no aspecto midiático e empresarial, mas definitivamente não é, para as novas gerações da cena metal, um espaço de importância. Da mesma forma, quanto à última categoria analítica, da “rizomatividade”, essa característica não é apreensível, pois o DCE não constitui um nó dentro de uma rede de relações sociais, econômicas ou espaciais, não com a função que teve até 1992. Nesse sentido, aproximamos do que Calaça discute quanto à centralidade dos locais dos shows para a constituição da cena, sendo que eles passam por uma “contínua desterritorialização e reterritorialização, levando-nos à conclusão de que a cena só se mantém viva a partir da multiterritorialidade”, ou seja, “a constante mudança” é um aspecto permanente desse construto social (Calaça 2023, p. 45). E o DCE não fugiu à regra.

- Perguntas de pesquisa

Retomando as 3 questões de pesquisa elencadas anteriormente, farei um breve comentário final: 1) O que um lugar tem que apresentar para ter reconhecido o seu espírito? 2) Como é possível acessar e preservar o espírito desses lugares? 3) Qual é a relevância dessa discussão para a cena metal de BH?

Para ter reconhecido o seu espírito, a presença do lugar precisa ser demandada de forma permanente pelos grupos sociais de interesse, pois essa é a sua força, ser importante para várias pessoas na contemporaneidade. Com a Cogumelo, esse reconhecimento é amplo e tem se renovado por diferentes ‘gerações’ no metal. Já o DCE não parece possuir o espírito que se busca, pois diz respeito a um período restrito, e apenas para quem vivenciou o lugar.

Em termos das possibilidades de se acessar e preservar os espírito dos lugares, quanto à Cogumelo, há várias iniciativas nesse sentido, concomitantes com a própria existência da loja reterritorializada e em plena atividade. O Catálogo Cogumelo 40 Anos (2023), por exemplo, é um marco, bem como a infinidade de documentários, artigos acadêmicos, reportagens e entrevistas nas quais a Cogumelo é tematizada. Como marco físico, talvez fosse interessante colocar uma placa no canteiro central da Av. Augusto de Lima, bem em frente à antiga loja, com um código para acesso a

informações online, com uma galeria de fotos históricas e reportagens compiladas, por exemplo. Quanto ao DCE, a não ser pelo dado memorialístico restrito às experiências dos viventes da gênese do metal e pela própria existência do edifício, o lugar não tem um espírito relacionado com cena metal de hoje.

Considerando a relevância dessa discussão para a cena metal de BH, o fato de os lugares serem pensados sob uma ótica mais profunda, com pesquisas se avolumando, as informações sendo melhor organizadas e os acervos documentais preservados, já indica uma lógica de valorização e fortalecimento de toda a cena. E esse acúmulo documental possibilita o desenvolvimento de projetos no sentido da manutenção do espírito dos lugares de relevância, servindo a cena local, e fomentando um tipo de turismo diverso do trivial, movido por outros tipos de afetos.

Conclusão

A memória olha para o passado. A nova consciência olha para o futuro. O espaço é um dado fundamental nessa descoberta. Ele é o teatro dessa novação por ser, ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente ao mesmo tempo concluído e inconcluso, num processo sempre renovado. (Milton Santos, 2008 [1996], p. 330)

Parte desse “processo sempre renovado”, o metal de BH cresceu nas margens dos lugares, e lentamente foi se construindo como ‘ocupação’, como ‘mancha’ na urbe, tendo sempre que responder sobre a razão de estar nos espaços, em um tímido direito à cidade no período pós-ditatorial. Cada centímetro foi ‘conquistado’ com muito esforço e negociação com todas as forças e vetores na vida da Capital, a qual ia processando sua cosmopolitização. Em pouco tempo, a cena foi notada, primeiramente pela ameaça que representava aos valores da tradicional família mineira; e depois, pela pulsante produção cultural e artística que foi se impondo e ganhando respeitabilidade mundo afora para, somente após 4 décadas, começar a ser verdadeiramente reconhecida como patrimônio cultural da cidade.

As territorialidades do metal mudaram radicalmente a partir do momento que o sistema de transporte começou a fazer uma ligação entre bairros de diferentes regiões, passando pela área central, ao invés de apenas conectar cada bairro com o centro (SILVA, 1998). As bandas foram gradativamente deixando de ser bandas de bairros para serem bandas da cidade, concomitantemente com a ocupação de

lugares centrais. Em qualquer desses lugares, em suas imediações pairava uma certa sensação de segurança e pertencimento, nos dias e horários da agenda semanal da cena. Isso porque não faria sentido ir à Cogumelo no domingo à noite, nem mesmo no Pizza Light; mas sim na Praça da Liberdade, antes ainda de o Soft Pastel, na Cidade Nova, se tornar o local referência dos domingos. Também não faria sentido ir à Praça da Liberdade na quinta à noite, pois a Feira Hippie acontecia na Praça Santa Tereza, onde também havia um pequeno espaço de sociabilidade da cena. Ou seja, as territorialidades da cena, desde sempre, nasceram em negociação com outras dinâmicas da vida na cidade, onde o metal se constituía com a ocupação das margens.

E ainda que a Cogumelo tenha iniciado suas atividades em outro endereço, na galeria do Edifício Trutex, e mais tarde tenha ido para a Galeria do Rock, e por último, na galeria da Av. Augusto de Lima com São Paulo, onde está até hoje, boa parte das memórias relacionadas à loja se referem ao endereço clássico da mesma Augusto de Lima. É a discreta porta alaranjada, com placa de aluga-se, a segunda loja à esquerda da entrada do Edifício Imprensa. E em todos os depoimentos de pessoas viventes da cena, em entrevistas, documentários, interações pessoais, e mesmo publicações na mídia sobre o metal, as memórias sobre essa Cogumelo são as que melhor representam a cena de BH. E quando alguém que tem envolvimento com a cena passa em frente ao logradouro da Augusto de Lima, por mais distraída que a pessoa esteja, os olhos certamente são atraídos para aquela entrada de loja, com os sinais de todas as outras vidas que ela já teve. A Cogumelo está lá, mas não deixa de estar também no endereço atual. Parece que ela consegue permanecer nesses dois lugares em complementaridade. Penso que esta impressão seja o verdadeiro espírito do lugar.

Referências

- AVELAR, Idelber. “Heavy metal music in post dictatorial Brazil: Sepultura and the coding of nationality in sound”. In: **Journal of Latin American Cultural Studies**, v.12, n. 3, 2003. p. 329-343.
- AVELAR, Idelber. De Milton ao metal: política e música em Minas. In: **Artcultura**, v.6, n. 9, p. 1-8, 2004. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1368>.
- CAETANO, Paulo Henrique. “Lugares de memória do metal”. In: **Mostra Metal em Minas**, Mesa Redonda “Memória, Permanência e Inovação: a cena metal 35 anos depois”. Fundação Municipal de Cultura: Museu da Imagem e do Som Cine Santa Tereza, 2017.
- CALAÇA, Gleyber Eustáquio Silva; NASCIMENTO, Leonardo Henrique A. L.; e DINIZ, Alexandre M. A. “Na trilha do metal: a construção de territorialidades das bandas de heavy metal de Belo Horizonte nos anos 1980. In: **Cadernos de Geografia**, v. 28, n. 54, 2018.

- CALAÇA, Gleyber Eustáquio Silva. **Na trilha do metal: a construção de territorialidades das bandas de heavy metal de Belo Horizonte nos anos 1990 e 2000**. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2021. Dissertação de Mestrado.
- CALAÇA, Gleyber Eustáquio Silva *et al.* Rota 66: proposição de um percurso turístico pela cena heavy metal belo-horizontina. In: **Caderno de Geografia**, 2024, v. 34, n. 77. p. 470-497.
- FERNANDES, Cíntia Sanmartin. HERSCHMANN, Micael (Org.). **Cidades Musicais: comunicação, territorialidade e política**. Porto Alegre, Editora Meridional LTDA, 2018.
- ICOMOS (International Council on Monuments and Sites). “Québec Declaration on the Preservation of the Spirit of the Place”. Adotada em Québec, Canadá, em 4/10/2008.
- JANOTTI JUNIOR, Jeder. **Heavy metal com dendê: o universo tribal e o espaço dos sonhos**. Campinas: Unicamp, 1994. Dissertação de Mestrado.
- JANOTTI JUNIOR, Jeder. **Heavy metal com dendê: rock pesado e mídia em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004.
- JANOTTI JUNIOR, Jeder. Rock With the Devil: notas sobre gêneros e cenas musicais a partir da performatização do feminino no heavy metal. In: JANOTTI JUNIOR, Jeder e PEREIRA DE SÁ, Simone (Org.). **Cenas Musicais** (Coleção Comunicações e Culturas). Guararema: Anadarco Editora e Comunicação, 2013. p. 75-89.
- JANOTTI JUNIOR, Jeder e PIRES, Victor de Almeida Nobre Pires. “Limites das Cidades Musicais: problematizando cidade, território e música. In: FERNANDES, Cíntia Sanmartin. HERSCHMANN, Micael (Org.). **Cidades Musicais: comunicação, territorialidade e política**. Porto Alegre, Editora Meridional LTDA, 2018.
- JANOTTI JUNIOR, Jeder e SÁ, Simone Pereira. “Revisitando a noção de gênero musical em tempos de cultural musical digital”. In: **Galáxia** (São Paulo, *online*), n. 41, 2019, p. 128-139.
- LANARI, R. A. O. ; SILVA, D. R. C. R. ; MOREIRA, G. E. ; ROCHA, H. M. G. ; MANSUR, U. V. “Cartografia Cultural da região da Lagoinha, Belo Horizonte/MG: um processo participativo de mapeamento de referências culturais”. In: **Revista Eletrônica do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte**, v. 7, p. 15-39, 2020.
- MARKEVICIENĖ, Jūratė. “The spirit of the place: the problem of (re)creating”. **Journal of Architecture and Urbanism**, 36(1), 2012, p. 73-81.
- NASCIMENTO, Leonardo Henrique Alves de Lima; SILVA, Gleyber Eustáquio Calaça; ALVES, Alexandre Magno Diniz; e CAETANO, Paulo Henrique. “A reestruturação do sistema de transporte público e a cena headbanger de Belo Horizonte nos anos 1980s”. In: **Terr@ Plural**, Ponta Grossa, v.15, p. 1-17, e2116255, 2021.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture**. University of Minnesota: Academy Editions, 1980.
- Ruído das Minas: a origem do Heavy Metal em Belo Horizonte**. Direção: FONSECA, Gracielle; SARTORETO, Filipe; SETTE CÂMARA, Rafael. 2009. vídeo digital (83 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCPoJ4_NBYld5DSBV5b0mdiw/featured.
- Somos feitos de pessoas**. Direção: PONTONE, Richardson. 2018, vídeo original (50 min.) son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3JOcGbqyJuc>
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008 [1996].
- SILVA, Luiz Roberto. **Doce Dossiê de BH**. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1998.
- Tsatsishvili, Valeri. **Automatic Subgenre Classification of Heavy Metal Music**. (Dissertação de Mestrado). University Of Jyväskylä: Music, Mind & Technology, 2. Disponível em: <https://jyx.jyu.fi/bitstream/handle/123456789/37227/URN%3aNBN%3afi%3ajyu-201201191046.pdf?sequence=1&isAllowed=y>